ORACY NOGUEIRA: UMA GENEALOGIA MARCADA PELA EDUCAÇÃO

ORACY NOGUEIRA: A GENEALOGY MARKED BY EDUCATION

Mônica Helena Harrich Silva Goulart
ORCID 0000-0002-0008-5660
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR
Universidade Federal do Paraná, UFPR
Curitiba, Brasil
mharrich@uol.com.br

Ricardo Costa de Oliveira
ORCID 0000-0003-4736-113X
Universidade Federal do Paraná**,** UFPR
Curitiba, Brasil
rco2000@uol.com.br,

Resumo. Oracy Nogueira, nome importante das Ciências Sociais, integrou o grupo que participou do processo de institucionalização da Sociologia no Brasil. Sua análise tornou-se expressiva no país e internacionalmente ao cunhar os termos "preconceito racial de origem" e "preconceito racial de marca" designando pontos diferenciais entre o racismo norte-americano e brasileiro, respectivamente. De forma inédita, este artigo analisa sua genealogia e revela uma origem familiar no campo educacional, expressando a presença de muitos parentes professores ao longo de várias décadas. Ao destacar questões genealógicas, demonstramos que este sociólogo é membro de uma vigorosa "linhagem familiar educacional" acumulando capitais culturais ao longo do tempo, segundo o panorama conceitual de Pierre Bourdieu. Assim, indicamos que Oracy possui uma parentela voltada para a área da educação, desde bisavós professores, ainda na época do Império. Para construção biográfica e análise da genealogia de Oracy e seus familiares utilizamos jornais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, plataformas de base genealógica, além de artigos e obras diversas sobre o autor.

Palavras-chave: Oracy Nogueira; Genealogia; Linhagem Familiar; Educação.

Abstract. Oracy Nogueira, an important name in the Social Sciences, was part of the group that participated in the process of institutionalizing Sociology in Brazil. His analysis became significant in Brazil and internationally when he coined the terms "racial prejudice of origin" and "racial prejudice of brand", designating points of difference between North American and Brazilian racism, respectively. In an unprecedented way, this article analyzes his genealogy and reveals a family origin in the educational field, expressing the presence of many relatives who were teachers over several decades. By highlighting genealogical issues, we demonstrate that this sociologist is a member of a strong "educational family lineage" accumulating cultural capital over time, according to Pierre Bourdieu's conceptual panorama. Thus, we indicate that Oracy has a family lineage focused on the area of education, going back to his great-grandparents who were teachers, back in the Empire era. To construct a biographical structure and analyze the genealogy of Oracy and his family, we used newspapers from the Hemeroteca da Biblioteca Nacional, genealogical-based platforms, as well as articles and various works about the author.

Keywords: Oracy Nogueira; Genealogy; Family Lineage; Education.

1. INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que Oracy Nogueira possui importância nas Ciências Sociais do Brasil, sobretudo na Sociologia e na Antropologia. Junto de Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, como de outros sociólogos e sociólogas, seu nome está ligado ao contexto de institucionalização das Ciências Sociais no país. Apesar de significativa circulação, suas obras ainda suscitam novas pesquisas e interpretações porque "permanecem em aberto", conforme destaca Cavalcanti (2020, p. 14). Isso porque a "popularidade sociológica" de Oracy ainda está aquém de sua relevância para os campos sociológico e antropológico em geral, ao passo que, em particular, mesmo sendo um intelectual branco, seus estudos sobre racismo e relações raciais são obrigatórios nas discussões que perpassam o movimento negro.

Oracy é proveniente de uma família de professores e professoras. Através da presente investigação, demonstramos que sua genealogia na área da educação vai bem além de seu pai e sua mãe, conforme apontam os textos recorrentes sobre o autor onde indicam apenas seus pais como docentes. (Cavalcanti, 1995, 1999; Jackson, 2007; Maio, 2014). Aqui, através do mapeamento genealógico de Oracy, inferimos que o referido sociólogo provém de uma "linhagem familiar educacional", marcada por

significativo acúmulo de parentes no magistério, remontando alguns à época do Império. Tem-se, nesse conjunto de docentes, pais, irmãos, avós paternos, tios-avós paternos, tios maternos e paternos e bisavós, entre outros, que, ao longo de suas trajetórias profissionais no interior do estado de São Paulo, principalmente em cidades como Itapetininga, Cunha, Tatuí e Pereiras, construíram e acumularem capitais culturais, compondo uma unidade institucional que Pierre Bourdieu denominou de "espírito de família", a qual consideramos ser relevante para o processo de socialização de Oracy Nogueira.

Destarte, não estamos sublinhando um processo mecânico e tão menos determinista acerca de um padrão profissional que se estabeleceu ao longo de gerações, mas focalizamos uma recorrência educacional na trajetória de vários membros do mesmo clã. Afinal, não é raro encontrar famílias com determinados traços vocacionais, ou 'destinos pessoais' para usar o termo de Daniel Bertaux (1979), a exemplo das parentelas que se reproduzem no campo da política (Oliveira et al., 2017; Niess, 2012, Canêdo, 2011), da medicina (Coradini, 1997), dos cartórios (Machado, 2016), da engenharia e da economia (Gomes, 1994), etc. O fato é que a família Nogueira, por meio do binóculo geracional, irradiou vocação para a educação, para o exercício docente, e este traço pode ser compreendido ao contar com 42 familiares, pela via materna e paterna, envolvidos com a educação, tanto de linha direta quanto indireta, também pelas conexões matrimoniais levantadas genealogicamente.

Dessa forma, o presente artigo objetiva apresentar dois planos de análise do referido sociólogo: i) aspectos gerais da biografia de Oracy correlacionando sua trajetória profissional e intelectual ao processo de institucionalização da Sociologia no Brasil, apontando também traços de sua produção acadêmica e profissional; ii) apresentação da genealogia de Oracy Nogueira, enfatizando sua parentela materna e paterna desde o contexto do Império e destacando que a presença na área da educação e da docência consta para além de seus pais que foram professores, e sim de uma "linhagem familiar educacional" que teve como principais capitais elementos deste campo de atuação.

2. METODOLOGIA

Numa perspectiva de longa duração, o uso do método genealógico (Dória, 2009) permite identificar a condição social de um grupo familiar por gerações, revelando suas posições na estrutura social em diferentes momentos históricos, além de indicar o importante esquema de continuidade dos diversos grupos sociais. Para Bertaux (1979), o mapeamento de uma família, através do recorte de um indivíduo, sustentado pela busca de biografias do grupo, suas ocupações e uniões conjugais, pode indicar o quanto as famílias tendem a permanecer nas mesmas posições, nas mesmas profissões e na mesma lógica do trânsito social.

Nessa condição, a investigação genealógica pautada pelo viés crítico também autoriza perceber a dinâmica de mobilidade social existente em determinada parentela ao longo do tempo. Se ricos e pobres tendem manter a mesma situação de classe, percebe-se também certa linearidade social quando uma família da classe média possui boa parte de seus integrantes tendo semelhante profissão, com reconhecimento financeiro e social análogos, além de estabelecerem vínculos matrimoniais com indivíduos ligados às mesmas ocupações, ainda que existam no mesmo clã exceções de casamentos com representantes de outras esferas sociais.

No geral, estratégias matrimoniais reproduzem condições sociais. (Bourdieu, 2013). Este é o caso da família de Oracy Nogueira que ao reproduzir trajetórias profissionais comuns entre seus membros em momentos históricos distintos, ligadas comprovadamente pela educação, pôde acumular o que Bourdieu (2015) chamou de capital cultural.

Tal processo reproduziu certa distinção estratégica em relação às outras famílias e foi capaz de estabelecer certos vínculos com indivíduos de classes distintas, como é o caso da irmã de Oracy ao se casar com um médico e intelectual proveniente de família histórica renomada em termos de tradição e de recursos no contexto paulistano, conforme detalharemos adiante.

3. ELEMENTOS PARA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA E GENEALOGIA DE ORACY NOGUEIRA

Para Pierre Bourdieu (2015), o capital cultural diz respeito ao acúmulo de bens culturais herdados como língua culta, cultura geral, disposições estéticas e, no caso da família em questão, entendemos que o acesso ao ensino, a certos conteúdos escolares, enquanto alunos e como professores no processo de formação intelectual, foram essenciais para a reprodução familiar indicando a posição ocupada na hierarquia social.

No caso em tela, por mais restritos que fossem alguns conteúdos curriculares em tais localidades interioranas do estado de São Paulo, onde a família de Oracy atuou, distantes dos centros educacionais da capital, como no contexto do Império e da Primeira República, e ainda que certas escolas de seus parentes se instalassem nas casas dos respectivos professores e professoras, constituídas muitas vezes de estrutura rudimentar, o envolvimento com a dinâmica escolar e educacional fora significativo em termos de distinção, pois poucos indivíduos tinham acesso ao conhecimento formal. Segundo José Murilo de Carvalho (2003, p. 80), conforme o senso de 1872, "[...]somente 16,85% da população entre seis e 15 anos frequentava escola. E havia menos de 12.000 alunos matriculados nas escolas secundárias numa população livre de 8.490.910 habitantes." Ainda conforme o autor, os dados sobre alfabetização não se alteram severamente no senso de 1872 e de 1890, perfazendo 18,56% (considerando apenas a população livre[1]) e 14,80%, respectivamente. (Carvalho, 2003, p. 80). Dados que revelam o diferencial da família de Oracy.

Outro elemento que reforça a "linhagem familiar educacional" de Oracy é que boa parte dos conteúdos escolares também foram transmitidos para os herdeiros no contexto familiar, em suas residências, nos espaços de sociabilidade parental, de modo que assimilados através de seus avós, pais e irmãos. A exemplo da professora Albertina Nogueira, tia avó de Oracy, que teve como professores primários os seus pais, pois a escola ficava em sua residência e, quando ela foi para outra instituição escolar, o seu irmão mais velho, Martinho Nogueira, também fora seu professor. Para além do processo pedagógico e da periodização histórica dos contextos educacionais, diante do alto índice de analfabetismo nos momentos mencionados, no que tange às experiências dos bisavós, avós e tios-avôs de Oracy, ser letrado e, mais ainda, ser professor ou professora significava muito em relação à maioria da população.

Na obra Família e Comunidade (1962, p. 477), Oracy também investigou o contexto educacional em Itapetininga e revelou, através de um de seus entrevistados, a seguinte percepção da carreira docente nos anos 1920: "[...]um professor secundário [...] ganhava mais que o juiz de Direito ou o delegado de Polícia. O professor primário, também ganhava bem. O diretor da Escola Normal tinha tanto prestígio ou mais que o prefeito e era consultado, pelo chefe político, sobre nomeações para o magistério." Nesse aspecto, sua própria família manteve certo prestígio ao ser portadora de interessante capital cultural que pôde ser considerado quando estabeleceu matrimônios com outras famílias de professores e, como já ressaltado, com grupos economicamente abonados.

Quanto ao termo "linhagem familiar educacional", nos inspiramos em Canêdo (2011), que utiliza a expressão linhagem política para se referir às famílias com longa tradição na ocupação de cargos políticos eletivos em Minas Gerais. Na presente pesquisa, usamos o termo "linhagem familiar educacional" para designar o caso da família de Oracy, que atravessou o Império, a Primeira República e o período posterior a 1930 com boa parte da parentela atuando na educação como professores, diretores e administradores de escolas do ensino primário e secundário. Nesse caso vale lembrar que tal preocupação não perpassa a discussão da educação formal em si, ou suas mudanças estruturais ao longo do tempo, mas como esta fora presente na genealogia do professor Oracy.

A genealogia e trajetória de Oracy, construídas a partir fontes genealógicas e jornais antigos via hemeroteca da Biblioteca Nacional, denotam que ele não foi herdeiro de grandes fortunas, tão menos teve uma vida de privilégios financeiros. Oracy trabalhou muito, a vida toda, como pesquisador, professor, assessor, e o fez seguindo os passos de muitos de seus ancestrais. O ingresso para a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) se tornou uma porta de entrada relevante para o desenvolvimento da carreira docente, avançando em espaços que membros das camadas médias de São Paulo e do interior não vislumbravam naquele contexto. Foi além de sua parentela docente até então ao formar-se em

[1] Carvalho indica que entre a população escravizada o índice de analfabetismo atingia 99,9% segundo o senso de 1872. (Carvalho, 2003, p. 79).

Sociologia pela ELSP em 1942, tornando-se mestre em 1945, pela mesma instituição, e estudante de doutorado em Sociologia, pela Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Diferente da maioria dos seus parentes, concentrada em ministrar aulas no ensino primário, alguns no secundário, outros ocupando postos na diretoria e na administração escolar, Nogueira (1995) direcionou a carreia para o ensino superior, quando conheceu a proposta de estudos da ELSP.

Dessa forma, destacamos o não pertencimento do sociólogo aos setores economicamente dominantes e sim a uma "linhagem familiar educacional" proveniente de classe média, baseada em capital cultural acumulado pela trajetória dos familiares. Contudo, tal capital cultural possibilitou que certos membros da família constituíssem matrimônios relevantes do ponto de vista financeiro, como Maria Leony, irmã de Oracy, que se casou com Sebastião de Almeida Pinto, professor, médico e folclorista, descendente de famílias importantes e tradicionais de São Paulo, as quais constam na Genealogia Paulistana. Por este tronco paterno dos "Almeida Pinto" que Alcides Nogueira Pinto, sobrinho de Oracy, e novelista da rede globo de televisão, exalta sua genealogia ligada aos ramos mais antigos de São Paulo:

> [...]minha trajetória começa muito antes de mim, com toda a minha família. Venho de troncos paulistas muito antigos, muito velhos. Do lado do meu pai é um tronco bandeirantista, com minha avó que descende de Fernão Dias Paes Leme, e do lado do meu avô os Morato Conceição e Amador Bueno da Ribeira, em linha direta. Então são famílias que estão aqui desde que o Brasil é Brasil, e esse tipo de compreensão desse universo se amplia fazendo com que eu veja que não sou só brasileiro. O Brasil é um país muito novo, mas dentro desse novo nós temos toda uma Antigüidade dentro desse pedaço de terra, dentro dessa civilização brasileira. (Nogueira, 2007, p. 20).

As pesquisas genealógicas apontam que apesar de gerações de professores e professoras, e de transitarem de forma relativamente tranquila por serem brancos e pelo capital cultural adquirido através do magistério, a família de Oracy se distanciou muito dos primeiros descendentes que constam na Genealogia Paulistana (Leme, 1903), como o tronco dos Mendes de Moraes, do lado paterno de Oracy, e dos Godoy, pela mãe. Contudo, sinalizamos que o sociólogo foi mais um estudante que frequentou a ELSP proveniente de família antiga que no passado longínquo era abastada, mas perdeu posições privilegiadas e seguiu como classe mediana por gerações. Haja vista que também não identificamos em que momento histórico ocorreu a ruptura, com perda de patrimônio, poder e autoridade, mas constatou-se que a família, ao menos nas gerações de transição do século XVIII para o XIX, deixou de pertencer à classe dominante tradicional de São Paulo, centrada na grande propriedade, escravidão e em cargos públicos de expressão. Alcides Nogueira (2007, p. 106), ao destacar a importância intelectual de seu tio, Oracy, para a compreensão do racismo no Brasil, deixa claro a força tradicional do escravismo por parte da família de seu pai, cunhado do referido sociólogo:

> Meu tio Oracy Nogueira é um sociólogo que fez parte do grupo de Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e hoje há uma retomada de sua obra porque ele foi um grande estudioso das relações inter-raciais no Brasil. A Bíblia que se tem sobre a questão de como os negros e os brancos se relacionaram no Brasil é a obra do Oracy. A capa de seu livro mais importante, Tanto Negro Quanto Branco, tem nossa Bá, Maria Rita, uma negra maravilhosa, carregando minhas duas irmãs com dois laçarotes imensos de chiffon de seda, as duas sentadas no colo dela. Eu sou afilhado da Bá. Imagine uma família toda tradicional e a Bá foi empregada de minha avó desde menina, era filha de escravos, ajudou minha avó a criar todos os filhos e foi de dote para a casa do meu pai quando ele se casou com minha mãe. Ou seja, acabou criando todos nós, e era uma mulher apaixonante. Ela é madrinha de minha irmã mais velha e minha. Isso é muito bonito porque eu sou afilhado de batismo de uma empregada doméstica negra.

3.1 Trajetória e genealogia vinculadas com a área da educação

Do quadro da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), criada em 1933, e dos membros vinculados à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCL-USP), fundada um ano depois,

em 1934, Oracy e Florestan Fernandes[2] foram indivíduos com poucos recursos econômicos em relação aos demais estudantes e pesquisadores. (Jackson, 2007: 122; Candido, 2006; Silva, 2007). A carreira de ambos, com posições políticas e ideológicas de esquerda[3], com nuances intelectuais discordantes[4], foram relevantes para a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, notadamente para a autonomização do campo da Sociologia.

Para Jackson (2009), Oracy destacou-se por seus capitais culturais advindos de pai e mãe professores primários. No entanto, a presente pesquisa sobre a genealogia de Oracy reforça tal premissa ao identificar que a "linhagem familiar educacional" vai muito além de seus genitores, estendendo-se com atuações importantes ao longo do Império e Primeira República, como no caso dos bisavós aternos Domiciano José Nogueira e Miquelina Nogueira, educadores na região de Itapetininga, interior de São Paulo

3.2 Apontamentos biográficos e trajetória profissional

De Cunha, interior de São Paulo, onde viveu até 10 anos de idade, Oracy nasceu em 17 de novembro de 1917. Filho de Alcides Nogueira e Isolina Nogueira, ambos professores primários e descendente de gerações de educadores.

Em 1928 a família mudou-se para Catanduva, permanecendo até 1931/1932, quando passou a residir em Botucatu, onde Oracy concluiu o ginásio. Aos 14 anos, no contexto da Revolução Constitucionalista, participou do evento enquanto voluntário. Nos anos seguintes, já militante de esquerda, foi redator e repórter do jornal Correio de Botucatu. Não mais católico fervoroso, traço importante de seus familiares, aproximou-se das obras marxistas e, em 1933, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil, sendo membro até 1960.

Por conta de problemas de saúde, entre 1936 a 1938, ficou internado no Sanatório Ruy Dória, em São José dos Campos, para tratamento da tuberculose. (Bertolli filho, 2001). Dessa experiência de isolamento e de convívio com outros grupos sociais, delineou sua dissertação de mestrado para estudar o estigma dos doentes tuberculosos em tratamento na cidade de Campos de Jordão. Como nas demais produções, tem-se um trabalho inspirado em suas vivências pessoais e resultado de forte pesquisa empírica, decorrente da linha estabelecida na ELSP, dos chamados "estudos de comunidade".

Seguindo a trajetória de seus pais e demais parentes, em 1939, ao mudar-se para São Paulo, junto de sua família, Oracy ingressou no curso para a carreira de professor primário. Mas, ao ver um panfleto da ELSP, mostrado pelo colega Yozo Yawata, decidiu-se pela instituição, matriculando-se em 1940. Para Jackson (2007), o surgimento de instituições com novos cursos[5], como os da área das Ciências Sociais conforme o perfil da ELSP, permitiu que grupos até então excluídos do ensino superior tivessem acesso à graduação, diferente dos bacharelados tradicionais propícios aos rebentos das classes dominantes.

---

[2] O presente artigo não objetiva comparar as trajetórias de Oracy e Florestan, filho de mãe solteira e empregada doméstica sendo engraxate e auxiliar de barbeiro na infância, tão menos em relação aos demais sociólogos que tiveram sua formação profissional na mesma época que Oracy. O fato é que ambos foram os estudantes com menos recursos financeiros e sem vínculos familiares com a elite naquele momento. Se a aproximação com os livros da parte de Florestan se deu através de certa "vivência" na "casa grande", onde sua mãe trabalhava, a herança educacional de Oracy ocorreu por meio de seus familiares, boa parte professores, conforme veremos no decorrer do texto. Vale destacar que: "As trajetórias de Florestan Fernandes e Oracy Nogueira permitem aproximações. Ambos romperam barreiras sociais nada desprezíveis, constituindo exemplos radicais das possibilidades de mobilidade, restritas, mas relevantes pela abertura de novas carreiras acadêmicas. Também a militância de esquerda os identificava." (Jackson, 2007, p. 122).

[3] Florestan militou no Partido Socialista Operário, ligado à IV Internacional. (Maio, 2014)

[4] Para a questão de discordâncias sobre os chamados "estudos de comunidade" e as disputas entre ELSP e a Universidade de São Paulo, no que diz respeito as pesquisas nas áreas de Sociologia e Antropologia, ver Jackson (2009, 115): "Variam as *perspectivas* analíticas, mas o objeto é de certo modo o mesmo para todos, e por isso, até o final da década de 1960, a comunidade relativamente restrita de cientistas sociais dialoga de maneira direta entre si". Segundo ele, existia uma temática comum, e a qual permeava todas as análises, ou seja, a "[...] análise das *mudanças* das possibilidades (e entraves) de reforma ou revolução da sociedade brasileira constitui a direção quase obrigatória a todas as linhas de pesquisa consagradas no período."

[5] Na ELSP a maior parte dos professores eram provenientes dos Estados Unidos, como D. Pierson, seu maior dirigente. Já na FFCL a concentração dos professores mais importantes era da França, como Roger Bastide, Claude Levi-Strauss, Paul Bastide, Jean Maugüé, entre outros. (Jackson, 2007, p. 120)

Numa situação social mediana, oriunda de uma "linhagem familiar educacional", esta nova conjuntura universitária "[...]beneficiou filhos de imigrantes, membros das classes médias de São Paulo e do interior, e mulheres. Incorporou também estudantes egressos de famílias tradicionais em declínio, principalmente aquelas mais dotadas de capital cultural e que permitiram de alguma maneira uma orientação política 'esquerdizante' aos herdeiros desviantes do destino social que deles se esperava." (Jackson, 2007, p. 120)

Entre 1940 a 1942 Oracy fez o bacharelado em Ciências Sociais e Políticas na segunda turma da ELSP e, posteriormente, diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Niterói. (Nogueira, 1962). Sua forte inclinação para a pesquisa revelou-se na época de estudante-bolsista, a partir de 1941, sob a orientação do professor Donald Pierson[6], o qual organizou o Departamento de Sociologia e Antropologia na instituição. O objetivo do referido professor seria "[...]realizar um amplo panorama empírico da realidade brasileira por meio dos 'estudos de comunidades'". (Jackson, 2007: 118). Pierson foi o responsável pela organização da Divisão dos Estudos de Pós-graduação. A ligação entre ambos se estreitou quando Oracy realizou o Mestrado, entre 1942 a 1945, primeira turma[7] da ELSP, novamente orientado por Pierson.

Quando regressou dos EUA, onde permaneceu de 1945 a 1947 na Universidade de Chicago para fazer os créditos de doutorado nos departamentos de Sociologia e Antropologia, assumiu novamente o cargo de professor na ELSP. Este retorno seria o tempo destinado para realizar a pesquisa de campo para doutoramento, em Itapetininga e, então, defender a tese em Chicago, fato que não ocorreu. No tempo que permaneceu na América pôde aprofundar estudos acerca da questão racial e aprimorá-la para comparação do racismo brasileiro em relação ao estadunidense. Nogueira (1995) menciona que teve acesso a novos autores e obras na Universidade de Chicago, bem como exerceu certa militância ao conhecer igrejas, bairros, residências e "lugares de negros", através do convívio com um amigo que frequentava a International House, onde morou.

Através do conhecimento da questão racial brasileira, que se originou na época da graduação, dos estudos empíricos desenvolvidos em São Paulo, dos estudos teóricos, e da observação participativa norte-americana que Oracy escreveu um de seus textos mais conhecidos internacionalmente, apresentando-o num simpósio, Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil, publicado nos Anais do XXXI Congresso Internacional dos Americanistas, em São Paulo, em 1954. Neste texto, divide seus argumentos em doze pontos, expondo que o "preconceito racial de marca", característico do Brasil, seria aquele definido pelos atributos fisiológicos do indivíduo, pela cor da pele, pelo fenótipo. Já o racismo norte-americano, o "preconceito racial de origem", independente da aparência do sujeito, seria definido pela ancestralidade, pela carga genética herdada dos familiares, desvencilhado da cor da pele.

A carreira de Nogueira (1995) como professor da ELSP iniciou em 1943[8], na graduação, como assistente de Pierson e, a partir de 1947, na pós-graduação, período em que também se aproximou das discussões do Movimento Folclórico Brasileiro[9], como seu cunhado Sebastião de Almeida Pinto, além de colaborar com a Comissão Paulista de Folclore e coordenar as pesquisas da ELSP em convênio com o Sesi (Serviço Social da Indústria). Em 1948, a Revista Sociologia[10] foi adquirida pela ELSP e Oracy passou a atuar como codiretor do periódico, juntamente com Emilio Willems11 e, depois, com Pierson, suas maiores influências nos estudos sobre preconceito racial.

---

[6] Sobre a importância do professor estadunidense, Donald Pierson (1900-1995), na ELSP e sua influência na Sociologia brasileira em termos gerais, consultar a dissertação de Guimarães (2011).

[7] Nessa primeira turma de mestrado também estavam Florestan Fernandes, Gioconda Mussolini, Virgínea Leone Bicudo, entre outros. (Maio, 2014)

[8] Oracy também teve vasta experiência como professor do ensino secundário. (Nogueira, 1962)

[9] Em agosto de 1950 Oracy recebe o título de sócio honorário do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade". (Dia do folclore, 1950). Um ano depois, em 1951, ministrou o Curso de Técnica de pesquisa Social no primeiro Congresso Brasileiro de Folclore; sua esposa Lizette Nogueira, ministraria o curso "O ensino do folclore no Brasil". (1º Congresso, 1951).

[10] *Sociologia* foi o "[...]primeiro periódico especializado em ciências sociais editado no Brasil." (Jackson, 2009, p. 273).

[11] Um dos principais autores que trazem a discussão sobre "família", contemplando em sua análise elementos da Sociologia e da Antropologia. Conferir Oliveira et.al, 2017.

Oracy esteve ligado à ELSP por vários anos, inclusive foi nela que conheceu sua esposa, Lizette Ribeiro Toledo. As atividades docentes e de pesquisa se estenderam na ELSP quase que exclusivamente até 1952, ano em que Pierson retornou para os Estados Unidos e que Oracy não conseguiu regressar para a Universidade de Chicago para defender sua tese, mesmo com recursos via bolsa de estudos, pelo Institute of Internacional Education. A negativa do visto estaria relacionada à sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro e por ter assinado o Manifesto pela Paz de Estocolmo (documento elaborado por comunistas), além do impedimento decorrente do macarthismo americano, cujo cerne era de repressão e perseguição aos indivíduos possivelmente ligados ao comunismo. (Maio, 2008; Cavalcanti, 2020). A pesquisa doutoral foi publicada em 1962, Família e Comunidade, um estudo sociológico de Itapetininga.

Nessa época Oracy complementava seus rendimentos salariais com aulas noturnas em outras instituições. Apesar do vínculo com a ELSP ter se estendido até 1957, somente após o episódio de negação do visto sua situação na ELSP se modificou, sentindo "[...]não poucas manifestações de hostilidades [...], algumas anônimas, outras, partindo de colegas e da alta administração." (Nogueira, 1995: 123). Pois, "[...]sentia que não contava mais com a mesma confiança da alta administração da escola, cuja situação financeira nunca fora satisfatória e se agravava de tal modo que, já casado em com filhos, fiquei, certa ocasião, seis meses com os vencimentos em atrasado. (Nogueira, 1995, p. 123)

Devido animosidade em relação a alguns colegas da ELSP e por questões salariais, Oracy considerou o convite do professor Mário Wagner Vieira da Cunha, em nome do Instituto de Administração da USP, para participar de atividades docentes e de pesquisa, sendo efetivado em 1955 e, tempos depois, tornando-se chefe do Setor de Pesquisas Sociais entre 1955 a 1957. Neste ano foi convidado a trabalhar no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais12 (CBPE), do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação, vínculo que possibilitou a publicação do estudo sobre Itapetininga. Mesmo assim, em 1960, Oracy ainda colaborava com aulas na ELSP, na pós-graduação, ainda que morando no Rio de Janeiro devido vínculo com o CBPE, até 1961. Por alguns meses, em 1961, Oracy menciona que esteve um pouco mais ligado à ELSP, porém, logo se desligou da instituição com "muito pesar", segundo texto autobiográfico de 199513, publicado antes falecer, em 1996.

Em 1967 Nogueira defendeu tese de Livre Docência, na cadeira de Sociologia II da Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco. Em 1968 integrou o corpo docente de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, após a reforma universitária de 1965-1970, transferindo-se para o Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como professor adjunto. Em 1978, mediante concurso, foi incorporado como professor Titular de Sociologia Aplicada à Economia, da Faculdade de Economia e Administração, tomando posse em 1980. Ocupou o cargo até 1983, quando se aposentou.

Nogueira (1995) menciona que até 197414, já ligado ao Instituto de Administração e docente da USP, assumiu aulas em outros cinco estabelecimentos para complementar renda, pois os salários das instituições não cobriam suas necessidades. Nesse caso, vale ressaltar o não pertencimento do sociólogo aos grupos economicamente dominantes, sua sobrevivência financeira e o sustento de seus familiares advinham das atividades de professor e pesquisador, não sendo proveniente de recursos herdados de familiares abastados.

Tais "aulas complementares" ocorriam nas cidades de Santo André, Osasco, Campinas, Rio Claro e Itapetininga. Para Nogueira (1995), um período de "muita angústia" ao ter boa parte do tempo gasto em locomoção, mas, contraditoriamente, segundo ele, se converteu em época de riqueza profissional ao realizar atividades distintas da docência. Portanto, ainda que acumulando inúmeras aulas, seus compromissos de professor não o impediram de seguir nas pesquisas, tornando-se, durante quatro anos,

---

[12] Época que Oracy estreitou laços de amizade e trabalho com o sociólogo Darcy Ribeiro, pois estavam envolvidos num projeto que visava debelar o analfabetismo no Brasil, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. (Nogueira, 1995). No Fundo Oracy Nogueira constam várias cartas trocadas por ambos os casais.

[13] Apesar da publicação ser de 1995, o referido depoimento ocorreu em 1984, concedido à professora Mariza Corrêa, durante a pesquisa "História da Antropologia no Brasil", na Unicamp. (Nogueira, 1995).

[14] Ano em que deixou de atuar na PUC de São Paulo, na área de "metodização [sic] da pesquisa". (SUPLEMENTO, 1976). Em 1973 seu nome constava entre os docentes da Fundação Santo André, vinculado ao Núcleo Universitário e Centro de Pós-Graduação. (Centro, 1973).

assessor do Sindicado da Indústria de Peças para Automóveis e Similares, da empresa Serete Engenharia, e do Escritório de Arquitetura do professor Joaquim Guedes.

Sobre a produção acadêmica, baseada nos "estudos de comunidade", pode-se dividir as pesquisas/publicações de Oracy em três blocos principais, os quais, de forma indireta, estão correlacionados às suas experiências individuais e trajetória profissional:

i) a discussão racial que perpassou seus principais escritos e esteve presente em suas reflexões ao longo da vida (Wainer, 2013), pode-se identificá-la desde o trabalho de bacharelado, em 1941[15], sobre o preconceito nos anúncios de emprego publicados no jornal Diário Popular, em São Paulo, até o último livro editado em vida, em 1992, a biografia do dr. Alfredo Casemiro da Rocha, médico baiano que fez sua vida participando da política no município de Cunha, onde Oracy nasceu. Nela, menciona que quando criança conheceu dr. Alfredo porque ele frequentava a casa de seus parentes e, desde então, esteve intrigado com a fama de um homem negro com significativa ascensão social como político mais importante da localidade[16], tornando-se prefeito, deputado estadual e federal. A posição e respeito dispensados ao político num sentido de "embranquece-lo[17]" foram aspectos que instigavam Oracy. Este texto também apresenta sofisticado detalhamento investigativo, mesclando análise de documentos inéditos com entrevistas e depoimentos diversos. Nos trabalhos sobre relações raciais, consta o relatório Relações raciais no município de Itapetininga[18], de 1955, publicado em 1998, fruto da participação no projeto UNESCO, que visava combater o racismo em vários lugares do mundo. O projeto incorporava vários colaboradores[19] e instituições. Como Pierson não pôde assumir a coordenação nas pesquisas da ELSP, indicou Oracy. O objetivo seria retratar o racismo na Bahia, contudo, a dimensão continental do país e as diferenças regionais fizeram com que a análise fosse estendida para Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia. A esse tempo, como havia feito parte das pesquisas de doutorado em Itapetininga, a definiu para investigação pois poderia ser o modelo de uma cidade antiga que passara de tradicional para moderna, apresentando um processo de transformações sociais, econômicas e políticas. Diferente dos outros pesquisadores, Oracy apontou que o racismo não estava submetido à classe social porque os negros teriam outras dificuldades específicas para ascensão social, o chamado racismo de marca. Suas conclusões indicavam a complexidade da questão e que a modernidade não resolveria de pronto o problema do racismo, ambos não seriam contraditórios. (Nogueira, 1998; Maio, 2014, 2008). O racismo também poderia ser entendido como um sistema cultural de discriminação que não separava efetivamente a população negra, mas a preteria de diversas formas. (Cavalcanti, 1999). O profundo levantamento teve foco nos estudos de comunidade e, por isto, sofreu várias críticas (Maio, 2014, 2008). Ponto que cabe a menção ao artigo Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem (Nogueira, 2006).

ii) os estudos sobre estigma, embora correlacionados às pesquisas sobre preconceito racial, indicamos, em específico, o trabalho de mestrado sobre tuberculose e os indivíduos envolvidos no processo, tanto doentes quanto profissionais da saúde e a sociedade em geral, a qual produzia reações negativas aos portadores da doença, Vozes de Campos do Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculosos no Estado de São Paulo, publicado parte na Revista Sociologia, em 1949 e, depois, como livro, em 1950. (Nogueira, 2009; Cavalcanti, 1996).

---

[15] Texto publicado no livro *Tanto Preto quanto Branco*, de 1985. (Nogueira, 1985)

[16] Para ter ideia da popularidade do dr. Alfredo, Oracy relata que em dado momento o médico teve que avisar aos padres da região que não poderia mais ser padrinho de batismo de novas crianças, pois já contava mais de 500 afilhados. (Nogueira, 1992).

[17] Oracy menciona a certidão de óbito onde o Dr. Casemiro fora descrito como pardo, mesmo sendo negro retinto, fato que indica certo branqueamento dele como político importante e integrado àquela sociedade. (Nogueira, 1992).

[18] Este estudo recebeu o Prêmio "Fabio Prado", escolhido unanimemente, como o melhor na categoria Estudos Brasileiros, em 1955. (Registro, 1955)

[19] Florestan Fernandes, Roger Bastide, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Virginia Bicudo, Thales de Azevedo, Charles Wangley, René Ribeiro, Marvin Ribeiro, entre outros. (Maio, 2014).

iii) no terceiro bloco identificamos produções que refletem seu momento profissional relativamente afastado da ELSP, vinculado em outras instituições como docente de Sociologia e responsável por aulas de metodologia científica, ou seja, obras sobre Sociologia e sobre sociólogos, textos de metodologia científica e estudos sobre profissões, como o livro Pesquisa Social: introdução às suas técnicas (1964), e artigos como Pesquisa Social, Projeto e Planejamento (1979), A Sociologia no Brasil: História e Situação Atual (1982) e Contribuição ao estudo das profissões de nível universitário no Estado de São Paulo (1967), tese de livre-docência, entre várias outras produções.

Oracy produziu até adoecer. Seu nome carece de maior reconhecimento se considerarmos a importância e originalidade de seus estudos, bem como da intensa contribuição na organização e consolidação da Sociologia brasileira: a "[...]exemplaridade de seus trabalhos e de sua carreira íntegra e talentosa que não recebeu em seu tempo de vida o devido reconhecimento institucional." (Cavalcanti, 2020, p. 5)

3.3 "Linhagem familiar educacional": aspectos genealógicos e capitais culturais de oracy nogueira

Se existisse um registro genealógico vocacional, a marca da parentela de Oracy seria da docência. Com o propósito de mapear a genealogia do sociólogo, a pesquisa nos direcionou ao que definimos como "linhagem familiar educacional", pois nos deparamos com um conjunto de indivíduos profundamente ligados à educação, com atuação no ensino primário e secundário e na administração escolar, comprometidos com o magistério, principalmente com o ensino das primeiras letras.

Seu pai, Alcides Nogueira, nasceu no dia 20 de junho de 1884 e faleceu aos 76 anos em São Paulo, no dia 17 de março de1961. Filho de Paulino Mariano Mendes de Moraes e de Maria Emília Nogueira Mendes de Moraes. Alcides foi professor em Pereiras e em Itapetininga (em 1903), além de inspetor de ensino em Catanduva (1931), em Botucatu (1934) e em Rio Preto (1929). (Necrologia, 1961).

Sua mãe, Isolina da Silva Moreira Nogueira, professora, nasceu em 22 de abril de 1887, em Tatuí. Faleceu em 21 de dezembro de 1972. Assim como seu marido, Isolina ministrou aulas em Cunha e em Pereiras. Consta que em 1905 tornou-se professora efetiva do grupo escolar de Tatuí, sendo docente da primeira escola feminina de Pereiras, em 1913, além de docente na escola feminina de Campos Novos de Cunha, em 1915. Na mesma cidade, lecionou no grupo escolar Dr. Casemiro da Rocha, de quem seu filho, Oracy, escreveria a biografia anos depois. Segundo as fontes, em 1928 fora transferida para o primeiro grupo escolar de Catanduva, como professora adjunta. (Águas, 1915). Filha de Antonio de Godoy Moreira, nascido em 1859, em Alambari, professor público adjunto de primeiras letras em Sarapuí e, em 1880, removido em função análoga para Tatuí; Albertina da Silva Moreira era sua mãe, nascida em Tatuí, em 1870. (Noticiário, 1880)

O casamento de Alcides e Isolina ocorreu em 1909, em Tatuí. Em 1914, três anos antes do nascimento de Oracy, o jornal Correio Paulistano descreveu elogiosamente a seguinte nota sobre o casal de professores que morava em Cunha:

> Campos Novos do Cunha
> Instrução Pública
> Campos N. do Cunha, 26 – A população desta localidade acha-se muito satisfeita com a permanência aqui do sr. professor Alcides Nogueira e de sua exma. esposa, a sra. professora d. Isolina Moreira, que para aqui vieram ultimamente.
> *É um casal de professores dignos do melhor acolhimento, pelo talento que são possuidores e pelas excelentes qualidades de que são dotados, não só particularmente como também no zelo e boa vontade com que se manifestam no magistério de seus cargos. [itálico nosso] (Campos, 1914)*

Oracy teve três irmãos. Maria Leony Almeida Nogueira Pinto, professora, nascida em 1916, falecida em 2002. Foi casada com o professor Sebastião de Almeida Pinto (1902-1979), historiador e um dos maiores pesquisadores de folclore de São Paulo. Formado em Farmácia, dedicou-se ao magistério, passando por várias instituições e cargos. Em meio às atividades pedagógicas, formou-se em Medicina em 1934, pela Faculdade Fluminense, clinicando em Botucatu. Viajou pelo Brasil e por países da

América do Sul como jornalista militante, publicou vários trabalhos científicos e folclóricos brasileiros. Participou da Revolução de 1932 como voluntário do Batalhão Universitário "Fernão Salles", na defesa de São Paulo. (Folcloristas, 1950). Proveniente de tradicionais famílias pioneiras de Botucatu, Sebastião nasceu em 1902, era filho de Sebastião Pinto Conceição e de Amélia Paes de Almeida Conceição. Sebastião e Maria Leony tiveram sete filhos.

Do casal, os sobrinhos de Oracy são: i) Ana Maria Nogueira Pinto Quintanilha, médica veterinária, casada com José Paulo Quintanilha, engenheiro agrônomo, tiveram o filho José Paulo Quintanilha Junior, administrador de empresas; ii) Maria Amélia Nogueira Esteves Pinto, professora, casada com o Osíris Esteves Pinto, médico, tiveram os filhos Izabela, médica, Rodrigo, engenheiro e Fernando, pianista; iii) Sebastião de Almeida Pinto Filho, médico, casado primeiramente com Sônia Raquel Galvão do Amaral Campos, médica oftalmologista, o casal teve as filhas Débora, advogada, e Beatriz, formada em Artes Cênicas. O segundo matrimônio ocorreu com Sandra Coraini Sanches de Almeida Pinto, e tiveram os filhos Clara e Gustavo, estudantes; iv) Alcides Nogueira Pinto, nascido em Botucatu, em 1949, advogado, escritor, novelista "global", teatrólogo e cronista; v) José Roberto Nogueira Pinto, engenheiro agrônomo, casado com Regina Aparecida Tortorella Pinto, médica, tiveram os filhos Maria Emília, Renato e Luiza; vi) Maria Isolina Nogueira Pinto, bibliotecária; vii) José Paes de Almeida Nogueira Pinto, professor e médico veterinário da Faculdade de Medicina veterinária da Unesp-Botucatu, casado com Yurico Yanagizawa de Almeida Nogueira Pinto, professora bióloga da Unesp-Botucatu, tiveram Lucas e Bruno, estudantes. (Donato, 2011).

O outro irmão de Oracy foi Paulo Nogueira, professor, falecido em 1962. Casado com Maria Aparecida Antunes Nogueira, cujos filhos são José Antonio Paulo e Antonio de Godoy. Outra irmã foi Myrthes Nogueira, nascida em 1925. Myrthes também se formou em Sociologia, bacharelado pela ELSP, em 1946, numa turma composta por 12 alunos20, entre eles, Darcy Ribeiro e sua futura cunhada, Lizette. (Necrologia, 1962). Myrthes atuou como taquígrafa, por muitos anos, sendo concursada em 1953 pela Assembleia Legislativa de São Paulo. Seu nome também consta na lista de ex-funcionários sendo readmitida como taquígrafa da secretaria do senado federal, em março de 1966. (CONCURSO, 1953; ATIVIDADE, 1966)

Retornando aos avós paternos, Paulino e Maria Emília se casaram em setembro de 1883, em Tatuí, ambos professores. Paulino Mariano Mendes de Moraes, nascido em Itapetininga, batizado em 1860, era professor em Sarapuí21 em 1889. Iniciou no magistério sendo aprovado no exame para professor do ensino público em 1883. (Instrução, 1883). Filho de Antonio Mariano Mendes de Moraes e de Ana Francisca Rosa Mendes de Moraes. Paulino teve uma irmã, Maria Mendes de Moraes, com batizado em 1865, em Bom Jesus, Alambari, São Paulo. Constam vários professores deste tronco familiar, do ramo do bisavô paterno de Oracy, os Mendes de Moraes. A exemplo do professor José Mariano Mendes de Moraes, paranaense, morou em Itapetininga e se aposentou em 1927, quando faleceu. Também era sitiante, fixando-se em Morro do Alto, onde lecionou por mais de 25 anos, nunca aceitou transferência para um grupo escolar. Segundo seu filho Sylvio, que iniciou letramento e tabuada aos quatro anos, realizados pelo pai. José Mariano não chegou a completar o curso primário, fazendo apenas os "exames do Palácio" para comprovar condição de alfabetizado com "certo conhecimento". Sua esposa era Maria Eugênia Aires de Camargo Moraes. Todos os filhos e filhas do casal foram ligados à educação: "[...]professor Benedito Moraes, diretor do grupo escolar do Rincão; professor Sylvio de Moraes, adjunto do grupo escolar de Itararé. [Estudou na Escola Modelo de Itapetininga até 1911, depois foi para a escola Normal Secundária, entre 1913 a 1916. Deu aula em várias escolas da região e aposentou-se professor adjunto em Itapetininga (Nogueira, 1962)]; professor João Ayres de Moraes, adjunto do grupo de Ibirá [diplomado pela Escola Normal de Itapetininga, em 1918]; professor Luiz Ayres de Moraes e professora d. Carolina de Moraes, adjunta do grupo escolar de Laranjal." (Itapetininga, 1929). Luiz Ayres também era funcionário público do tesouro do estado, casou-se em 1930 com Hilda Cesar, também professora, filha de Vicente Cesar e de Leontina Cerqueira Cesar. (Núpcias, 1930).

---

[20] Segundo documento da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, compunha a lista dos formandos de 1946: Darcy Ribeiro, Diná Mascarenhas do Amaral, Erasmo hélio Machado Lopes, Fernando Altenfelder Silva, José Novaes Paternostro, Lizette Toledo Ribeiro, Mário Correa Mariante, Myrthes Nogueira, Og Francisco Leme, Paulo Augusto do Amaral, Vera Maria Husemann, Zideira Bandeira Luna. (Fundação, 2024).

[21] Sarapuí era uma Vila, fundada em 1872, que pertencia ao termo de Itapetininga (Instrução, 1873).

Maria Emília Nogueira Mendes de Moraes, avó paterna de Oracy, nascida em 1864, faleceu em 1929, em Pereiras, quando há tempos era professora aposentada, sendo 1916 seu último ano letivo. Foi professora da primeira escola feminina de Sarapuí. A admissão para primeiras letras ocorreu por concurso público, realizado em 1885, sendo nomeada para reger a cadeira na vila do Rio Bonito. (A Instrução, 1909; Editais, 1885).

O pai de Maria Emília, Domiciano José Nogueira, nascido em Sarapuí, em 1845, foi professor em Itapetininga, aposentando-se em 1887, também teve patente de capitão. Domiciano fazia parte da comissão que cuidava das obras da igreja matriz de Sarapuí. (Aposentadoria, 1887). Segundo o jornal Correio Paulistano, em 1864 exercia magistério como professor público interino de primeiras letras da freguesia do Alambarí, tomando posse do cargo em 1865. (Expediente, 1865). Domiciano foi casado em segunda núpcias22 em Alambarí, em 1863, com Miquelina Francisca do Carmo Nogueira, sua cunhada, nascida em 1849, em Sarapuí, aprovada em concurso no ano de 1871 para o cargo de professora de primeiras letras em Sarapuí. (Intrução, 1873). Miquelina faleceu aos 75 anos, em 1922. Filha de Firmino Godoy Moreira e de Gertrudes Maria dos Anjos Moreira. (Editais, 1879). Em 1864, Firmino foi nomeado 2º suplente de delegado, na freguesia de Alambarí, tendo como subdelegado o capitão Mariano Mendes de Moraes e como 1º suplente de delegado José Mariano Mendes de Moraes, ambos parentes de Paulino Mendes de Moraes, avô paterno de Oracy. Outro aspecto que interligava as famílias de Oracy era o fato de seu avô materno, Antonio de Godoy Moreira, ser irmão de sua bisavó paterna, Miquelina. Traço comum porque as antigas famílias paulistas apresentavam certo grau de endogamia. (Parte, 1864).

´São filhos de Domiciano e Miquelina, bisavós de Oracy: i) Maria Emília (avó); ii) Martinho Nogueira, nascido em 1869, em Alambarí, famoso diretor e professor da escola Normal de Botucatu; iii) Turíbia Nogueira, nascida em 1867, em Alambarí; iv) Lindolpho Nogueira, nascido em 1875, em Alambarí, foi capitão da Guarda Nacional, em Botucatu (Capacetes, 1932). Colocou seu nome para participar da Revolução Federalista de 1894, para defesa paulista, também consta como soldado da Revolução Constitucionalista de 1932. Foi casado com Isaura Pinheiro Machado Nogueira e tiveram cinco filhos: José Pinheiro Nogueira, coronel do exército; general Lauro Pinheiro Machado Nogueira, nascido em Botucatu; Gabriela Pinheiro Machado Nogueira; Rubens Pinheiro Machado Nogueira; e Mauro Pinheiro Machado Nogueira. (Necrologia, 1960); v) Alfredo Nogueira, nascido em Sarapuí, em 1872. Foi vereador em Amparo, em 1912. (Câmara, 1912). Exerceu o posto de tenente do Exército e ajudante de ordens do Ministro da Guerra, em 1894. (Os Mistérios, 1894). Foi casado com Escolástica Nogueira, tiveram a filha Maria Nogueira, casada com o farmacêutico Plinio Pimentel de Queiroz. (Presidente, 1927; Anuário, 1942); vi) Antonio Nogueira, nascido em 1877, em Sarapuí; vii) Ambrosina Nogueira, nascida em 1878, em Sarapuí, e falecida em 1879; viii) Ulysses Nogueira, nascido em 1880, em Sarapuí, professor do grupo escolar "Coronel Joaquim José", em São José da Boa Vista, São Paulo, em 1905. Foi casado com Julieta Delgado Nogueira, filha de André Delgado. Faleceu em 1911, em São Paulo, quando era diretor escolar de Fartura. (Necrologia, 1911); ix) Aurora Nogueira, nascida em 1881, em Tatuí. Professora, foi removida para o grupo escolar de Paraguaçu, São Paulo, em 1932. (Nomeações, 1932); x) Albertina Nogueira, nascida em 1883, em Tatuí23, frequentou a Escola Complementar no período de 1899 a 1905, mas aprendeu a ler na escola da mãe, mantida pelo governo e contava com cerca de 30/40 alunos, em Tatuí. Albertina contabilizou estudo dos 7 aos 20 anos, considerando os anos que repetiu a mesma série. No 5º ano escolar foi aluna do irmão, Martinho Nogueira, iniciando prática escolar em 1906, em Tatuí. (Notas, 1906); xi) Plínio Nogueira, nascido em 1885, em Tatuí; xii) Arthur Nogueira, nascido em 1886, em Tatuí; xiii) Philomena Nogueira, nascida em Tautí, em 1888, professora adjunta do grupo da Vila Falcão, em Bauru. Casou-se em 1908 com o professor Luis Castanho de Almeida, inspetor de ensino em Bauru. Tiveram vários filhos: Plauto Castanho; Maria do Rosário Castanho, farmacêutica; Noêmia Castanho, professora; e Luiz Castanho Filho, professor, residente em Barretos. Na família Castanho de Almeida constam vários docentes; xiv) Sophia Nogueira Minhoto, nascida e batizada em 1889, em Tatuí, professora adjunta do grupo Capão

[22] Do primeiro casamento com Maria do Carmo Nogueira, nascida em São José do Paraitinga, e sepultada no mesmo local, Domiciano teve o filho chamado Veríssimo Nogueira, nascido em 1859 e batizado em 1860, ambos em Itapetininga. (Domiciano, 2021).

[23] Em Oracy (1962), consta que nasceu em Sarapuí.

Bonito, casada com Antonio Dias Minhoto Junior, nascido em 1886, professor. Antonio era sobrinho do advogado, deputado e senador pelo Partido Republicano Paulista, Laurindo Dias Minhoto, importante político de Tatuí. Tiveram os filhos Djalma Dias Minhoto, nascido em 1915 e falecido em 1987, Florival Nogueira Minhoto e Maria de Lourdes Nogueira Minhoto. O cunhado de Sophia, Dorival Dias Minhoto, fora professor, diretor escolar e delegado de ensino. (Instrução, 1914; Itapetininga, 1922; Pesames, 1926; Anuário, 1943).

Conhecido no campo educacional, Martinho Nogueira, tio-avô de Oracy, foi o primeiro diretor da Escola Normal de Botucatu entre 1911 a 1913. Martinho faleceu no dia 17 de maio de 1933. Ingressou na Escola Normal de São Paulo em 1890. Diplomou-se professor em Tatuí, em 1893. (Instrução, 1894). Em 1895 foi nomeado diretor da instituição. Exerceu magistério na Escola Normal de Itapetininga, na Escola Modelo (nomeado em 1898) e na Escola Complementar. Exerceu o cargo de diretor das escolas Normais de Campinas, Guaratinguetá e de Itapetininga, Externato América e da escola Cardoso de Almeida, em Botucatu. Aposentado, continuou lecionando no Ginásio de Itapetininga. Suas ações no magistério tiveram alcance relevante e eram elogiadas pelo governo do estado, conforme O Comércio de São Paulo, em 1895: "O governo, por intermédio do Secretário do Interior, mandou louvar o professor Martinho Nogueira, pelo brilhante êxito alcançado em prol do ensino público, quando realizou, no dia 13 do corrente, naquela cidade, uma conferência pedagógica." (Tatuy, 1896).

Martinho foi casado com Henriqueta Seabra Nogueira, nascida em 1875, em Tatuí, e tiveram os filhos: Lydia Olga Nogueira Godoy Moreira, professora casada com o também professor Antonio de Godoy Moreira Junior (filho do avô materno de Oracy); o professor José Domiciano Nogueira, casado com a professora Maria Helena Caldararo Nogueira. José Domiciano faleceu em 1955, em Presidente Prudente, aos 38 anos. Em 1956 foi homenageado tendo seu nome numa escola de São Paulo. O casal teve uma filha, Henriqueta Caldararo Nogueira. (PROF. Martinho, 2020). O primeiro casamento de Martinho Nogueira foi com Lydia Olga Nogueira, falecida em 1909, em Itapetininga. (Necrologia, 1955).

Ainda no lado paterno de Oracy, seguem como tios e tias, irmãos de Alcides: i) Leonildo Mendes de Moraes, nascido em 1888, batizado em Sarapuí; ii) Vanda Engler Mendes Nogueira Vasconcellos, nascida em 1889, em Sarapuí. Vanda foi professora em Pereiras, em 1915. Casada com o farmacêutico Augusto Engler Vasconcellos, presidente do Diretório do Partido Republicano de Pereiras em 1930, foi suplente de juiz federal e auxiliar na Farmácia Vasconcellos. Tiveram a filha Ordine Vasconcellos de Oliveira (Pereiras, 1930); iii) Gilda Beatriz Mendes de Moraes Siccca, professora, nascida em 1895. Lecionava na Escola Mista de Pereiras, em 1929. Foi casada com Guilherme Sicca, de importante família imigrante da região, tiveram Maraí José Turri, nascida em 1922, casada com Pascoal Turri, falecido em 1974, José Benedito Sicca, nascido em 1927, casado com Maria Aparecida Vanucci, além de Antonio Carlos Sicca e de Lido Sicca. Outro tio foi iv) Nicanor Mendes de Moraes, nascido em 1893, porteiro de grupo escolar, casado com Benedita Mendes de Moraes, o filho era Décio de Moraes; v) Orville Derby de Moraes, professor em Pereiras em 1915, esposo de Helena Lobo de Moraes; vi) e, Odilone Mendes de Moraes, com nascimento e batismo em 1892, na Igreja Nossa Senhora das Dores. (Orville, 2020).

Do lado materno, Oracy também teve vários professores no clã. Seu avô, Antonio de Godoy Moreira, professor já mencionado. Consta que em 1880 já era docente e, no ano de 1911, contava com mais de 30 anos de magistério, aposentando-se em 1915. Foi casado com Albertina da Silva Moreira, nascida em 1870, em Tatuí. (Notas, 1911)

O tio e tias maternas são i) Alcina de Godoy Moreira, professora em Tatuí. Faleceu aos 31 anos de idade, em 1921. Foi casada com Martinho Mayer, negociante em Tatuí. ii) Antonio de Godoy Moreira Junior, diretor adjunto e professor em Tatuí e em Jaboticabal nos anos 1920, e diretor escolar na década de 1930. Antonio casou-se com Lydia Olga de Godoy Moreira Junior, professora e filha de seu tio-avô paterno. Tiveram o filho Antonio de Godoy Moreira Neto, com carreira militar, cabo da esquadra em 1928, casado com Adelina Godoy. A tia iii) Amália da Silva Godoy Moreira, nascida em 1890, em Tatuí, foi casada com Pedro Pires de Campos (filho de João Pires Campos e de Ana Silveira Leite Pires de Campos), nascido em 1898, prático em farmácia. O matrimônio ocorreu em 1917, em Tatuí. Oracy também teve a tia iv) Alice da Silva Moreira, professora em 1922, em Cesário Lange, cidade próxima a Itapetininga. Além da tia v) Maria Moreira. (Falecimento, 1921)

Oracy e a bibliotecária Lizette Nogueira tiveram quatro filhos, entre eles, José Luiz Nogueira. Também formada pela ELSP, consta que Lizette auxiliou a equipe de Donald Pierson em estudos de Antropologia, realizados entre os anos 1945 a 1947. (ESTUDOS, 1949)

A perspectiva familiar em Oracy Nogueira é central, como apontado no livro Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga (1998), uma interessante análise de um antigo município paulista. Nesta obra Oracy apresenta uma referência sobre a classe dominante de Itapetininga e alguns vínculos com os professores, aspecto que indica referência indireta sobre a condição de sua família:

> [...]a classe dominante, no município de Itapetininga, assim caracterizada, abrange, provavelmente, não mais de 5% da população total. Seu núcleo é constituído por descendentes dos principais proprietários que se estabeleceram na localidade no século XVIII, participando da vila que, posteriormente, se desenvolveu na futura cidade. A "classe média", tal como a população a reconhece, é constituída por professores (parte dos quais figura na classe anterior), pequenos funcionários públicos, empregados do comércio, pequenos comerciantes e pequenos artífices possuidores de suas próprias oficinas [...] (Oracy, 1998, p. 34)

A presente genealogia indica a importância de seus familiares para o processo de alfabetização de parte da região no interior de São Paulo, tendo em vista a concentração de docentes em municípios como Itapetininga, Tatuí, Pereiras e Cunha. Outro traço relevante é a presença de homens e mulheres na docência desde o Império, como no caso de seus bisavós, além do fato da família compor casais de professores que atuavam nas mesmas escolas.

A família de Oracy não se restringiu ao magistério das primeiras letras, mesmo sendo o cargo comum entre seus membros, participaram de vários postos ligados ao ensino como inspetoria e diretoria escolar. As informações históricas e vínculos genealógicos revelam docentes atuando por muitos anos na educação, além de alguns que se envolviam além da sala de aula na preparação de festejos e comemorações onde lecionavam.

Como apontado anteriormente, a "linhagem familiar educacional" de Oracy se estabeleceu ao longo de várias gerações, se consolidando desde o fim da primeira metade do século XIX, como no caso dos bisavós paternos. Para um homem branco, com familiares sucessivamente posicionados na classe média e vocacionados para a educação, a sensibilidade de Oracy para as questões sociais e para compreender o racismo brasileiro não poderia estar distinta dos atributos e capitais culturais decorrentes uma significativa "linhagem familiar educacional", consolidada por 42 docentes até então mapeados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oracy Nogueira foi um dos sociólogos fundamentais no contexto de institucionalização da Sociologia no Brasil. Acumulou produção intelectual importante nas Ciências Sociais com profundo diálogo antropológico ao construir pesquisas decorrentes do viés etnográfico e da observação participante. Ao lado de Florestan Fernandes, entendeu o racismo brasileiro durante a década de 1940 e 1950, rompendo com a tradição intelectual que até então julgava certa plasticidade positiva nas relações raciais, entre escravizados e senhores, entre negros e brancos.

Ao desvendar o racismo demarcando traços culturais, do estigma, descortinou a diferenciação entre o preconceito racial norte-americano e brasileiro, apontando que o nosso não seria mais brando ou menos perverso.

Sua obra disponibiliza novos diálogos porque se encontra em aberto em vários aspectos como modelo interessante para construção de biografias e de estudos microssociológicos, instigando compreensão de realidades sociais específicas. Mas, sua trajetória apresenta outras originalidades, a começar pelas condições sociais que foram rompidas ao ingressar na ELSP, onde fez carreira como aluno, pesquisador e professor.

Oracy teve sua trajetória comprometida com a Sociologia, o que também apontamos ser fruto de capitais culturais provenientes de uma genealogia que contou com cerca de 42 professores e professoras, familiares comprometidos com o magistério em diversos municípios do interior de São Paulo remontando a época do Império. Sua genealogia denota um "espírito de família" ligado profundamente à educação, aspecto que também define Oracy e sua trajetória.

REFERÊNCIAS

1º CONGRESSO brasileiro de folclore. (1951). *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 ago. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq="Oracy%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=7522. Acesso em: 10 jan. 2024.

ÁGUAS virtuosas de Santa Rosa. (1915). *Correio Paulistano,* São Paulo, 20 out. 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq="isolina%20da%20silva%20moreira"&pagfis=37432. Acesso em: 22 jan. 2022.

A INSTRUÇÃO (1909). *O Comércio de São Paulo*. São Paulo, 31 out. 1909. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227900&pesq="Maria%20Emília%20%20nogueira%20"&pagfis=23880. Acesso em: 25 jan. 2022.

ANUÁRIO Genealógico Brasileiro.1939-1948. (1942). São Paulo. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=063665&pesq="Escolástica%20%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=1924. Acesso em: 10 jan. 2023.

ANUÁRIO Genealógico Brasileiro.1939-1948. (1943). São Paulo. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=063665&pesq="Philomena%20Nogueira"&pagfis=2127. Acesso em: 20 fev. 2022.

APOSENTADORIA. *Correio Paulistano.* (1887). São Paulo, 6 abr. 1887. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&pesq="Domiciano%20josé%20Nogueira"&pagfis=8843. Acesso em: 22 jan. 2022.

BERTAUX, Daniel. (1979). *Destinos pessoais e estrutura de classe.* Para uma crítica da antroponomia política. Rio de Janeiro: Zahar.

BERTOLLI FILHO, Claudio. (2001). *História Social da tuberculose e do tuberculoso:* 1900-1950. [on line]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/4/pdf/bertolli-9788575412886.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. (2015). *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. rev. 2. Porto Alegre, RS: Zouk.

CAMARA Municipal. (1912). *Almanach da Comarca de Amparo*. São Paulo. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=707252&pesq="Alfredo%20Nogueira"&pagfis=3982. Acesso em: 23 fev. 2022.

CAMPOS Novos dos Cunha. (1914). *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 nov. 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&Pesq="Alcides%20Nogueira"&pagfis=34408. Acesso em: 20 fev. 2022.

CANDIDO, Antonio. (2006). A sociologia no Brasil. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n.1, jun., pp. 271-301.

CANEDO, Letícia Bicalho. (2011). Um capital político multiplicado no trabalho genealógico. *Rev. Pós Ciências Sociais,* v. 8, n. 15, jan./jun.

CAPACETES de aço para os soldados da Constituição. (1931). *Diário Nacional*. São Paulo, 11 ago. 1931. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq="lindolpho%20nogueira"&pagfis=15718. Acesso em: 20 fev. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. (2003). *A construção da Ordem. Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. (1995). Oracy Nogueira e a antropologia de uma biografia intelectual. GT Pensamento Social Brasileiro. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO DA ANPOCS - Caxambu/MG, out.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. (1996). Oracy Nogueira e a Antropologia no Brasil. O estudo do estigma e do preconceito racial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* ANPOCS. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/rbcs31_01.pdf. Acesso em: 23 jan. 2022.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Preconceito de marca: etnografia e relações raciais. *Tempo Social,* USP, São Paulo, v. 11, n. 1, maio 1999. pp. 97-110.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Preconceito racial e estigma da doença na obra pioneira de Oracy Nogueira**.** *BEROSE* Encyclopédie Internationale des Historie de l'Antrpologie, dez. 2020. Disponível em: https://www.berose.fr/article2122.html?lang=fr. Acesso em: 20 fev. 2022.

CENTRO de Pós-Graduação. (1973). *A Tribuna,* São Paulo, 15 jul. 1973. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_02&pesq="Oracy%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=49299. Acesso em: 10 jan. 2024.

CONCURSO para taquígrafa da Assembleia. (1953). *Correio Paulistano*, 26 ago. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq="Myrthes%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=17365. Acesso em: 11 jan. 2024.

CORADINI, Odaci Luiz. (1997). Grandes famílias e elite 'profissional' na medicina no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos,* v. III, n. 3, nov./fev. 1997.

DIA DO FOLCLORE. (1950). *Jornal de Notícias*, São Paulo, 20 ago. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&pesq="Oracy%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=14344. Acesso em: 10 jan. 2024.

DOMICIANO Joze Nogueira. MyHeritage. 2021. Disponível em: https://www.myheritage.com.br/research/collection-40001/arvore-genealogica-do-familysearch?itemId=283250124&action=showRecord. Acesso em: 20 fev. 2022.

DONATO, Hernâni. Prefácio. 2011. Disponível em: http://www.historiadebotucatu.com.br/livros/tempoDante/BIOGRAFIA.htm . Acesso em: 22 fev. 2022.

DÓRIA, Francisco Antonio. (1994). *Os herdeiros do poder*. Rio de Janeiro: Revan.

EDITAIS. (1897). *Jornal da Tarde***,** São Paulo, 4 dez. 1879. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=713120&pesq="gertrudes%20maria%20dos%20anjos"&pagfis=1587. Acesso em: 20 fev. 2022.

EDITAIS. (1885). *Correio Paulistano,* São Paulo, 5 mar. 1885. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&pesq="Maria%20Emília%20%20nogueira%20"&pagfis=6364. Acesso em: 23/ jan. 2022.

ESTUDOS de Antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. (1949). Bolteim Bibliográfico de Antropologia Americana, vol. 12, n. 1. Disponível em: https://www.jstor.org/action/doBasicSearch?Query=Lizette+Toledo+Ribeiro. Acesso em: 12 jan. 2024.

EXPEDIENTES do Tesouro Provincial. (1865). *Correio Paulistano,* São Paulo, 25 maio. 1865. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_02&pesq="Domiciano%20josé%20Nogueira"&pagfis=1077. Acesso em: 24 jan. 2022.

FALECIMENTO. (1921). *Correio Paulistano*. São Paulo, 16 jun. 1921. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&pesq="Alcides%20Nogueira"&pagfis=5403 . Acesso em: 24 jan. 2022.

FOLCLORISTAS Paulistas. (1950). *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 fev. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq="Sebastião%20de%20Almeida%20Pinto"&pagfis=439. Acesso em: 22 fev. 2022.

FOLCLORISTAS Paulistas. (1950). *Correio Paulistano,* São Paulo, 5 fev. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq="Sebastião%20de%20Almeida%20Pinto"&pagfis=439. Acesso em: 23 jan. 2022.

FUNDAÇÃO Escola de Sociologia e Política de São Paulo desde 1933. (2024). Sociologia/ Formandos 1946. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/FP_Lista%20de%20egressos_Sociologia%201946.pdf. Acesso em: 12 jan.

GOMES, Angela de Castro. (Coord.). (1994). *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas.* Rio de Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas.

GUIMARÃES, Rafael Estevão Marão. (2011). *A Escola de Chicago e a Sociologia no Brasil: a passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP.

INSTRUÇÃO Pública. (1873). *Almanak da Província de São Paulo***.** São Paulo. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=448370&pesq="Miquelina%20Francisca%20do%20Carmo"&pagfis=429. Acesso em: 23 jan. 2022.

INSTRUÇÃO Pública. (1883). *Correio Paulistano***.** São Paulo, 11 ago. 1883. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&pesq="Mariano%20Mendes%20de%20Moraes"&pagfis=4505. Acesso em: 25 fev. 2022.

INSTRUÇÃO Pública. (1894). *Correio Paulistano*, São Paulo, 20 mar. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&Pesq="Martinho%20Nogueira"&pagfis=5049. Acesso em: 22 fev. 2022.

INSTRUÇÃO Pública. (1914). *Almanack Laemmert*: administrativo, Mercantil e Comercial, Rio de Janeiro. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=58106&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 10 mar. 2022.

ITAPETININGA. (1922). *Correio Paulistano*, São Paulo, 6 fev. 1922. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&Pesq="Miquelina%20Nogueira"&pagfis=7789. Acesso em: 22 fev. 2022.

ITAPETININGA. (1927). *Correio Paulistano***.** São Paulo, 13 out. 1927. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&Pesq="Mariano%20Mendes%20de%20Moraes"&pagfis=27826. Acesso em: 10 mar. 2022.

JACKSON, Luiz Carlos. (2009). Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos "estudos de comunidades". *Cadernos de Campo***,** São Paulo, 2009, n. 18, pp. 273-280.

JACKSON, Luiz Carlos. (2007). Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social,* Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, jun. pp. 115-130. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/6XxL6R9tHsXh6FxHyzDMhjG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 nov. 2021.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. (1905). *Genealogia Paulistana***.** Parte 1. v. VI e VII. São Paulo: Duprat & Coomp, 1905.

MACHADO, Vanderlei Hermes. (2016). *Do Berço ao Túmulo:* família e cartórios no Paraná. Tese de Doutorado. Sociologia. Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2016.

MAIO, Marcos Chor. (2014). O Contraponto Paulista: os estudos de Florestan Fernandes e Oracy Nogueira no Projeto UNESCO de relações raciais. *Antíteses***,** v. 7, n. 13, jan./jun. 2014, pp. 10-39.

MAIO, Marcos Chor. (2008). O Racismo no microscópio: Oracy Nogueira e o Projeto Unesco. *E. I. A. L. (Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe),* v. 19, n. 1. Disponível em: http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/469, acesso em: 10/11/2021.

NECROLOGIA. (1911). *Correio Paulistano,* São Paulo, 6 set. 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq="Miquelina%20Francisca%20do%20Carmo"&pagfis=22354. Acesso em: 12 mar. 2022.

NECROLOGIA. (1961). *Correio Paulistano,* São Paulo, 18 mar. 1961. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq="Myrthes%20Nogueira"&pagfis=6516. Acesso em: 22 fev. 2022.

NECROLOGIA. (1962). *Correio Paulistano,* São Paulo, 31 ago. 1962. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq="Myrthes%20Nogueira"&pagfis=13464. Acesso em: 10 mar. 2022.

NECROLOGIA. (1960). *Correio Paulistano,* São Paulo, 26 abr. 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq="Lindolpho%20Nogueira"&pagfis=1705. Acesso em: 23 fev. 2022.

NECROLOGIA. (1955). *Diário da Noite,* São Paulo, 21 dez. 1955. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq="José%20Domiciano%20Nogueira"&pagfis=37902. Acesso em: 12 mar. 2022.

NIESS, Alexandre. (2012). Carreiras políticas e Nepotismo na Terceira República Francesa (1871- 1940). *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 8, maio/ago. p. 71-100. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3393. Acesso em: 18 dez. 2021.

NOGUEIRA, Alcides. (2007). *Alma de cetim.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

NOGUEIRA, Oracy. (1962). *Família e Comunidade: um Estudo Sociológico de Itapetininga*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

NOGUEIRA, Oracy. (1964). *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas.* São Paulo: Edição Nacional, 1964.

NOGUEIRA, Oracy. (1967). *Contribuição ao estudo das profissões de nível universitário no Estado de São Paulo.* Tese de Livre-Docência, apresentada à Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco. Osasco.

NOGUEIRA, Oracy. (1979). O Objeto das Ciências Humanas. In: Hirano Sedi. (Org.). *Pesquisa Social, Projeto e Planejamento.* São Paulo: T. A. Queiróz.

NOGUEIRA, Oracy. (1982). *A Sociologia no Brasil: História e Situação Atual.* São Paulo: IPE e FINEP.

NOGUEIRA, Oracy. (1985). *Tanto Preto quanto Branco*. Estudos de relações Raciais. São Paulo: T. A. Queiroz.

NOGUEIRA, Oracy. (1982). *Negro Político. Político Negro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

NOGUEIRA, Oracy. Depoimento. (1995). *História, Ciência, Saúde - Manguinhos,* v.2, n. 2, jul./out.

NOGUEIRA, Oracy. (1998). *Preconceito de Marca. As Relações Raciais em Itapetininga.* Apresentação e edição Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. São Paulo: EDUSP. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Sf-dCxdh9iMC&pg=PA23&dq=%22Tanto%20preto%20quanto%20branco%22&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiSj6m1r6btAhW7LLkGHcC1C54Q6AEwAXoECAMQAg&fbclid=IwAR3hylFb2L26Id4XNrQC4Fe7VGamFiNdEIs8px_fH4ECFkfiuKgH515tTcI#v=onepage&q=%22Tanto%20preto%20quanto%20branco%22&f=false. Acesso em: 10 out. 2021.

NOGUEIRA, Oracy. (2006). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social,* Revista de Sociologia da USP, v. 19, n.1, nov.

NOGUEIRA, Oracy. **Vozes de Campos do Jordão:** experiências sociais e psíquicas dos tuberculosos no Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

NOMEAÇÕES, exonerações e remoções de professores. (1932). *Diário Nacional,* São Paulo, 1 out. 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq="Aurora%20Nogueira"&pagfis=15986. Acesso em: 12 mar. 2022.

NOTAS. (1906). *Correio Paulistano*, São Paulo, 6 fev. 1906. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq="Albertina%20Nogueira"&pagfis=8131. Acesso em: 10 mar. 2022.

NOTAS. (1911). *Correio Paulistano,* São Paulo, 21 jan. 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq="Antonio%20de%20Godoy%20Moreira"&pagfis=20222. Acesso em: 23 fev. 2022.

NOTICIÁRIO. (1880). *Correio Paulistano,* São Paulo, 22 out. 1880. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_04&pesq="Antonio%20de%20Godoy%20Moreira"&pagfis=938, acesso em: 12/04/2022.

NÚPCIAS. (1930). *Correio Paulistano,* São Paulo, 20 jun. 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pesq="luiz%20ayres%20de%20moraes"&pagfis=2551. Acesso em: 10 fev. 2022.

OLIVEIRA, Ricardo C. de; GOULART, Mônica H. H. S.; MONTEIRO, José M.; VANALI, Ana. (2017). Família, parentesco, instituições e poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 11, set/dez. pp. 165-198. Disponível em: https://doi.org/10.20336/rbs.225. Acesso em: 10 nov. 2021.

ORVILLE Derby de Moraes. MyHeritage. 2020. Disponível em: https://www.myheritage.com.br/research/collection-40001/arvore-genealogica-do-familysearch?itemId=1578917813&action=showRecord. Acesso em: 9 mar. 2022.

OS MISTÉRIOS da Correção. **O Comércio de São Paulo**. São Paulo, 28 nov. 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227900&pesq="Alfredo%20Nogueira"&pagfis=2074. Acesso em: 12 jan. 2022.

PARTE Oficial. (1964). Expediente da Presidência. *Correio Paulistano*. São Paulo, 9 jul. 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_02&pesq="Mariano%20Mendes%20de%20Moraes"&pagfis=29. Acesso em: 10 mar. 2022.

PESAMES. (1926). *A Gazeta,* São Paulo, 24 nov. 1926. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&pesq="antonio%20dias%20minhoto"&pagfis=24071. Acesso em: 20 mar. 2022.

PRESIDENTE Prudente. (1927). *Diário da Noite,* São Paulo, 8 set. 1927. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq="Alfredo%20Nogueira"&pagfis=1778. Acesso em: 12 mar. 2022.

PROF. MARTINHO Nogueira. (2020). Disponível em: http://www.geocities.ws/eecabotucatu/biogrmartinho.html. Acesso em: 23 jan. 2022.

REGISTRO Literário e Bibliográfico. (1955). *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 abr. 1955. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq="Oracy%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=25831. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Tânia Elias M. (2007). Trajetórias da Sociologia Brasileira: considerações históricas. *Cronos,* Natal – RN, v. 8, jul./dez. pp. 429-449.

SUPLEMENTO Cultural. (1976). *Suplemento Literário,* São Paulo, 1976. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&pesq="Oracy%20Nogueira"&hf=memoria.bn.br&pagfis=6092. Acesso em: 10 jan. 2023.

TATUY. *O Comércio de São Paulo,* São Paulo, 22 out. 1896. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227900&pesq="Martinho%20Nogueira"&pagfis=4405. Acesso em: 10 mar. 2022.

WAINER, Daniel Ferreira. (2013). Oracy Nogueira e os estudos das relações raciais. *Revista Habitus,* UFCS – UFRJ, v. 11, n. 1, 2013.